

# CÉSAR AIRA

UM EPISÓDIO NA VIDA  
DO PINTOR VIAJANTE



cavalo de ferro

No Ocidente houve poucos pintores viajantes realmente bons. O melhor daqueles de que temos conhecimento e uma vasta documentação foi o grande Rugendas, que esteve duas vezes na Argentina. A segunda, em 1847, deu-lhe a possibilidade de registrar as paisagens e personagens do rio da Prata – com tanta abundância que se calcula que duzentos quadros terão ficado nas mãos de particulares nesse canto do mundo –, e serviu para desmentir o seu amigo e admirador Humboldt, ou, melhor, uma interpretação simplista da teoria de Humboldt, que pretendia restringir o talento do pintor aos excessos orográficos e botânicos do Novo Mundo. Mas, na verdade, o desmentido ocorrera dez anos antes, durante a primeira visita, breve e dramática, interrompida por um estranho episódio que marcou irreversivelmente a sua vida.

Johan Moritz Rugendas nasceu na cidade imperial de Augsburg no dia 29 de Março de 1802, filho, neto e bisneto de prestigiados pintores de género; um seu antepassado, Georg Philip Rugendas, tornou-se famoso pelos seus quadros de batalhas. Os Rugendas tinham emigrado da Catalunha (mas a família era de origem flamenga) em 1608 e instalaram-se em Augsburg em busca de um clima social mais favorável ao seu credo protestante. O primeiro Rugendas alemão era artista relojoeiro; todos os que se seguiram foram pintores.

Johan Moritz deu provas da sua vocação desde os quatro anos. Desenhador dotado, destacou-se na oficina de Albrecht Adam e depois na Academia de Arte de Munique. Aos dezanove anos surgiu-lhe a oportunidade de viajar para a América numa expedição dirigida pelo barão Langsdorff e financiada pelo czar da Rússia. A sua missão era a mesma que cem anos mais tarde teria sido desempenhada por um fotógrafo: documentar graficamente as descobertas que fizessem e as paisagens que atravessassem.

Aqui é preciso recuar um pouco para se ter uma ideia mais clara do trabalho que o jovem artista ia iniciar. A história da família não era tão longa como poderá ter parecido no parágrafo anterior. O seu bisavô, Georg Philip Rugendas (1666–1742), deu início à dinastia dos pintores. Fê-lo por ter perdido a mão direita na sua juventude, a mutilação incapacitou-o para o ofício de relojoeiro, que era tradição na família e para o qual se preparara desde a infância. Teve de aprender a usar a mão esquerda e a manejar com ela o lápis e o pincel. Especializou-se na representação de batalhas, e teve um êxito extraordinário devido à precisão sobrenatural do seu desenho, que se devia à sua formação de relojoeiro e ao uso da mão esquerda, que por não ser a que utilizaria naturalmente o obrigava a uma deliberação metódica. O contraste requintado entre o detalhismo fixado na forma e o fragor violento do tema tornou-o único. O seu protector e principal cliente foi Carlos XII da Suécia, o rei guerreiro, cujas batalhas pintou acompanhando os exércitos desde as neves hiperbóreas até à ardente Turquia. Na idade madura foi um próspero impressor e comerciante de gravuras, consequência natural

da sua documentação bélica. Aos seus três filhos, Georg Philip, Johan e Jeremy, deixou em herança este negócio e a sua técnica. O filho do primeiro destes era Johan Christian (1775–1826), pai do nosso Rugendas, que fechou o ciclo pintando as batalhas de Napoleão, mais um rei guerreiro.

Pois bem, depois de Napoleão, abriu-se na Europa o «século de paz», durante o qual o ramo de negócio em que a família se especializara inevitavelmente enfraqueceu. O jovem Johan Moritz, adolescente na época de Waterloo, teve de adaptar-se de imediato. Da aprendizagem na oficina de Adam, pintor de batalhas, passou para as aulas de pintura da Natureza na Academia de Munique. A «Natureza» que poderia ter mercado em quadros e gravuras era a exótica e longínqua, o que o fez complementar a sua vocação artística com a de viajante; o destino desta última foi-lhe de imediato apresentado pela oportunidade de integrar a expedição já mencionada. No limiar dos seus vinte anos, tinha diante de si um mundo já feito e também ao mesmo tempo por fazer, mais ou menos como aconteceu na mesma época ao jovem Darwin. O FitzRoy de Rugendas foi o barão George Heinrich von Langsdorff, que durante a travessia atlântica se revelou «intratável e lunático», a ponto de o artista, ao chegar ao Brasil, se ter separado da expedição e ser substituído por outro talentoso pintor documentalista, Taunay. Poupou-se a muitos problemas com esta decisão, porque a expedição não correu bem: Taunay morreu afogado no Guaporé e no meio da selva Langsdorff perdeu a pouca razão que tinha. Rugendas, por seu lado, ao fim de quatro anos de viagens e trabalhos pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais,

Mato Grosso, Espírito Santo e Bahia, regressou à Europa e publicou um bonito livrinho ilustrado intitulado *Viagem Pitoresca através do Brasil* (o texto foi redigido por Victor Aimé Huber com base nas notas do pintor), que lhe deu fama e o pôs em contacto com o eminente naturalista Alexander von Humboldt, com quem colaborou em algumas publicações.

A sua segunda e última viagem à América durou dezasseis anos, de 1831 a 1847. México, Chile, Peru, novamente o Brasil e a Argentina, foram o cenário das suas laboriosas deslocações, e o resultado foram centenas, milhares de quadros. (O seu catálogo incompleto enumera três mil trezentas e cinquenta e três obras, entre óleos, aguarelas e desenhos.) Embora a fase mais elaborada tenha sido a mexicana, e as florestas e montanhas tropicais se tornassem a sua temática mais característica, o objectivo secreto da sua longa viagem, que abarcou toda a sua juventude, foi a Argentina, o misterioso vazio que havia no ponto equidistante dos horizontes sobre as planícies imensas. Só ali, pensava, poderia encontrar o reverso da sua arte... Essa perigosa ilusão perseguiu-o toda a vida. Transpôs os umbrais duas vezes, a primeira em 1837, pelo Oeste, atravessando a cordilheira a partir do Chile; a segunda em 1847, pelo rio da Prata; esta segunda foi mais frutífera, mas não saiu do raio de Buenos Aires; em contrapartida, na primeira aventurara-se a ir na direcção do centro sonhado, e na verdade conseguiu pisá-lo por instantes, embora o preço que teve de pagar tenha sido exorbitante, como veremos.

Rugendas foi um pintor de género. O seu género foi a fisionomia da Natureza, procedimento inventado por Humboldt.

Este grande naturalista foi o pai de uma disciplina que em grande parte morreu consigo: a *Erdtheorie*, ou *Physique du Monde*, uma espécie de geografia artística, captação estética do mundo, ciência da paisagem. Alexander von Humboldt (1769–1859) foi um sábio totalizador, talvez o último. Pretendia apreender o mundo na sua totalidade, e o caminho mais adequado para o fazer pareceu-lhe ser o visual, através do qual aderiria a uma longa tradição. Mas ao mesmo tempo afastava-se desta quando não lhe interessava a imagem solta, o «emblema» do conhecimento, mas sim a soma das imagens unidas num quadro abrangente em que a «paisagem» era o modelo. O geógrafo artista tinha de captar a «fisionomia» da paisagem (conceito que herdara de Lavater) através dos seus traços característicos, «fisionómicos», que reconhecia graças a uma formação erudita de naturalista. A programada disposição dos elementos fisionómicos no quadro transmitia um conjunto de informações à sensibilidade do observador, não eram apenas traços isolados, mas sim sistematizados pela sua própria apreensão intuitiva: clima, história, costumes, economia, raça, fauna, flora, regime das chuvas, dos ventos... A chave era o «crescimento natural», e por isso o elemento vegetal ocupava o primeiro plano. Também por isso, Humboldt procurava as suas paisagens fisionómicas nos trópicos, cujas riqueza vegetativa e velocidade de crescimento eram incomparavelmente maiores do que na Europa. Humboldt viveu muitos anos nas zonas tropicais, da Ásia e da América, e incentivou artistas com formação no seu método a fazer o mesmo. Desta forma completava o circuito, já que captava o interesse do público por

estas regiões ainda pouco conhecidas e criava mercado para a produção dos pintores viajantes.

Humboldt tinha a maior admiração pelo jovem Rugendas, que qualificou como o «criador e pai da arte da apresentação pictórica da fisionomia da Natureza», frase que teria sido adequada para se descrever a si mesmo. Participou com os seus conselhos na preparação da segunda grande viagem de Rugendas e o único aspecto com o qual não concordou foi a inclusão da Argentina no itinerário. Não queria que o seu discípulo desperdiçasse esforços abaixo da faixa tropical, e nas suas cartas abundavam recomendações nesse sentido: «Não desperdice o seu talento, que consiste em desenhar aquilo que é realmente excepcional na paisagem, como por exemplo os cumes nevados das montanhas, a flora tropical das florestas, grupos individuais da mesma espécie de plantas, mas de idades diferentes; felícias, latânias, palmeiras com folhas emplumadas, bambus, cactos cilíndricos, mimosas de flores vermelhas, ingás (com ramos compridos e grandes folhas), malváceas do tamanho de um arbusto com folhas digitadas, em especial a árvore das mãozinhas (*Chiranthodendron*) em Toluca; o famoso *ahuehuete* de Atlixco (o milenar *Cupressus disticha*) nas proximidades da Cidade do México; as espécies de orquídeas de bela floração nos troncos das árvores quando estes formam nós redondos cobertos de musgo e estão rodeados pelos bolbos musgosos do dendróbio; algumas imagens de caobas caídas e cobertas de orquídeas, lianas e plantas trepadoras; além de outras plantas gramíneas de vinte e trinta pés de altura da família dos bambus, *Nastus* e diversas *Foliis distichis*; estudos de *Pothos* e

*Dracontium*; um tronco de *Crescentia cujete* carregado de frutas que saem dele; um *theobroma-cacao* a florescer e cujas folhas saem das raízes; as raízes externas que chegam a ter quatro pés de altura em forma de estacas ou tábuas do *Cupressus disticha*; estudos de uma rocha coberta de *Fucus*; nenúfares azuis na água; *Gustavia (pirigara)* e *Lecythis* florescentes; um ângulo visto do alto de uma montanha de uma floresta tropical para se ver somente as árvores florescentes de copas largas entre as quais se erguem os troncos lisos das palmeiras como um corredor de colunas, uma selva sobre outra selva; as diferentes fisionomias de pormenores de *Pisang* e de helicónia...»

Só nos trópicos se encontrava o necessário excesso de formas primárias para caracterizar uma paisagem. Na vegetação, Humboldt reduzira estas formas primárias a dezanove; dezanove tipos fisionómicos, coisa que nada tinha que ver com a classificação de Lineu, que se baseia na abstracção e no isolamento das variações mínimas; o naturalista humboldtiano não era um botânico, mas sim um paisagista dos processos de crescimento geral da vida. Esse sistema, em traços gerais, constituía o «género» de pintura que Rugendas praticou.

Depois de uma breve estada no Haiti, Rugendas passou três anos no México, entre 1831 e 1834. Nesta última data foi para o Chile, onde viveria oito anos, com um intervalo de cerca de cinco meses que ocupou na interrompida viagem à Argentina; o objectivo original era atravessar todo o país, até Buenos Aires e a partir daí ir até Tucumán, depois à Bolívia e etc. Mas não foi possível.



Johan Moritz Rugendas foi, porventura, o mais notável de entre os poucos pintores viajantes europeus da primeira metade do século XIX. Das suas viagens às Américas resultaram centenas de pinturas a óleo, aguarelas e desenhos, nas quais procurou captar a «fisiognomia da Natureza». Mas um sonho secreto perseguia Rugendas: a Argentina. Só aí, considerava ele, na imensidão vazia das pampas, poderia encontrar a verdadeira inspiração para elevar a sua arte e apreender a totalidade do mundo através dos seus quadros. Acompanhado pelo seu amigo, o medíocre pintor alemão Robert Krause, Rugendas está em vias de concretizar esse sonho, quando um fulminante e monstruoso episódio transforma para sempre o seu corpo, a sua arte e a sua vida.

Nesta breve «antibiografia» e alegre jogo literário entre História e ficção, César Aira, um dos nomes mais marcantes e prolíferos da literatura contemporânea, convida o leitor a descobrir os mistérios e caprichos da Natureza e do Velho Mundo, numa meditação poética e filosófica sobre os limites da experiência humana e o acto criador.

«Um romance estranho e cativante. César Aira inscreve-se na tradição de Borges e W. G. Sebald, os grandes modernistas tardios para quem a ficção era um teatro de ideias.»


*Los Angeles Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-549-2



9 789895 835492